

ECOS DE CACIA

SEMANÁRIO INDEPENDENTE DEFENSSOR DOS INTERESSES DA REGIÃO DO VOUGA

Redactor principal: ANIBAL CRUZ

Depois do pão a Educação é a primeira necessidade do Homem. Danton

REPRESENTANTE
Em Lisboa
Anibal Cruz
Representantes em Lisboa, F. da Foz, Aveiro, Torreira, Povoia, Eixo, Q. do Gato, Bonsuccesso, Esqueira, Mataduchos, Avanca, Estarreja, Espinho e Angeja.

Fundador: J. J. NUNES DA SILVA

ASSINATURA

Ano, série de 50 números 20\$00
Semestre, série de 25 números 10\$00
Estrangeiro, ano 50 números 50\$00
Brazil e Colonias 30\$00

Proprietário-Director e Administrador
José Marques Damião

Filiado no SINDICATO DA IMPRENSA PORTUGUESA

Redactor e Editor

António da Costa Pinto

O MAIS DESENVOLVIDO NOTICIÁRIO DE TODAS AS TERRAS DA REGIÃO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS
Rua da Paz—**QUINTA DE LOUREIRO**
(CACIA)

Não se aceitam originaes contra a vida particular de qualquer individuo

Espírito Santo em Cacia

Teve lugar como aqui dissemos, no domingo p. a festividade ao Padroeiro de Cacia, *Espírito Santo*, festa esta, que foi abrilhantada pela Banda de Canelas, não só no domingo, como na segunda-feira.

Neste dia, estiveram aqui em Cacia, muitas dezenas de contertulios que por bem longe daqui se espalham na conquista do pão nosso de cada dia; e bem assim, muitos forasteiros das freguesias circunvisinhas que vieram até Cacia.

Esta simpática e atrahente festa, que apesar de ser feita á última hora, foi revestida de uma certa imponencia.

A sua procissão que percorreu as ruas do costume, deu uma nota bem frizante do amor que todos os Cacienses tem pelo Santo da sua terra. Fazendo parte da mesma 23 anjos, que davam aquela um aspecto deveras encantador.

A toda a comissão organizadora, que mais uma vez empregou todos os seus esforços para que a esta festa nada falta-se, aqui a felicitamos pelo exito obtido.

Santo António do Rego

Como de costume, esteve muito concorrido o arraial de Santo António do Rego, que ao som da Banda Canelense, toda a mocidade se devatia em estendidos cordões de *psinhos leves*.

As Ruas de Cacia

Já comessaram com a limpeza em algumas dasde cantadas baletas das principais ruas de Cacia, seria bom que essa limpeza se fizesse estender a todas as outras ruas, pois que igualmente se encontram num caos.

Mais uma vez chamamos toda a atenção para que se faça evitar os sugos que de algumas casas são encaminhados para a via publica, produzindo não só um máu efeito, como poderá ocasionar graves doenças na população Caciense; que como por extensos escritos aqui nos temos referido.

Com vista á Junta da Paroquia,

Os Pobresinhos

Pobres de pobres são pobresinhos,
Almas sem lares, aves sem ninhos.

Passam em bandos, em alcateias,
Pelas herdades, pelas aldeias.

E em Novembro, rugem procelas...
Deus nos acuda, nos livre delas,

Vem por desertos, por estevais,
Mantas aos ombros, grande bornais.

Como farrapos, coisas sombrias,
Trapos levados nas ventanias...

Filhos de Cristo, filhos de Adão,
Buscam no mundo côdeas de pão!

Ha-os régninhos, em treva de terra,
De olhos fechados desde nascença.

Ha-os com fridas esburacadas,
Roxas de lírios, gangrenadas.

Uns de voz rouca, grandes bordões,
Quem sabe lá se seão ladrões!...

Outros humildes, riso magoado,
Lembram Jesus que ande disfarçado...

Engeitadinhos, rotos, sem pão,
Tremem maleitas de olhos no chão...

Campos e vinhas!... hortas com flores!..
Ai, que ditosos os lavradores!

Olha, fumegam tectos e lares!..
Fum.o tão lindo!... branco, nos ares!

Batem ás portas, erguem-se as mãos,
Choram meninos, ladram os cães...

Ressam e cantam, levam a esmola,
Vinho no bucho, pão na sacola.

Fruta da horta, caldo ou toucinho,
Dão sempre os pobres a um pobresinho.

Um que tem chagas, velho, coitado,
quer ligaduras, ou mel-rosado.

Outro, promessa feita a Maria,
Deitam-lhe azeite na almotolia.

Pelos alpendres, pelos currais,
Dormem deitados como animais.

Em caravanas, em alcateias,
Vão por herdades, vão por aldeias...

Sabem, cantigas, oraçõesinhas,
Contos de estrelas reis e rainhas...

Choram cantando, penam resando,
Ai, só a morte sabe até quando!

Mas no outro mundo Deus lhes prepara
Lito o mais alvo, ceia a mais rara...

Os pés doridos lhes lavarão
Santos e santas com devoção!

Para lavá-los, perfumaria
Em gouil d'ouro a bacía.

E embalsamados, transfigurados,
Túnicas brancas, como em noivados,

Viverão sempre na eterna luz,
Pobres benditos, amen, Jesus!...

GUERRA JUNQUEIRO.

A morte do rei Salomão

ESTE SOBERANO ZULU DEIXA DUZENTAS VIUVAS

Morreu o rei Salomão Dini, chefe da tribu real zulu. Não era catolico e mostrou-se mesmo sempre pouco favoravel ao catolicismo, o que não o impediu de se casar ha alguns anos, religiosamente, perante um padre protestante. Tinha nessa altura 40 mulheres e prometeu conservar so uma. Não soube cumprir esta promessa, pois deixa 200 viuvvas.

GUERRA

Jean Lepine diz que a última guerra causou a morte a dez milhões de seres humanos: homens, mulheres e crianças.

Dez milhões!
Que consciência moral terão aqueles que já pensam em uma nova guerra?

Oh! que horror, se vai preparando pouco a pouco para nova carneficina.

Unhas doiradas

Esta mo la, agora—quem tal havia de dizer!—vem do Japão.

As senhoras, em vez de pintarem as unhas de encarnado ou de rosa pálido, doiram as unhas

E a moda já começa a lançar raizes em Berlim, Paris e Londres, não tardando a chegar a Cacia.

Resta saber se as senhoras, com as unhas doiradas, perderão o hábito... de arranhar.

NA REDACÇÃO

Deram-nos a honra de suas visitas, na ultima semana, os nossos estimados amigos e assinantes srs. Manuel Maria da Silva Pinho, Eduardo Nunes da Silva, Alberto Nunes d'Almeida, José Correia Ribeiro, Manuel da Rocha Pinto Reis, Manuel Pereira Sôna, Manuel Simões Teixeira, Manuel Simões Pereira Costa, Manuel Migueis Junior, e Manuel Augusto Simões Pereira.

AUXILIAI A INDUSTRIA PORTUGUESA

General Sá Cardoso

Passou ontem o aniversario do nosso querido amigo e illustre democrata sr. general Sá Cardoso, figura prestigiosa da República, militar brioso, a quem o regime deve inestimáveis serviços e que durante a Grande Guerra, batendo-se gloriosamente na Flandes, soube afirmar bem alto o seu incondicional amor à Pátria e contribuir para o maior prestigio da República.

Abraçamos cordealmente o eminente democrata, fazendo votos para que o dia de ontem, de alegria para todos nós, se repita por longos anos.

VEJAM A 4.ª PAGINA

Industria Portuguesa



Perferiros produtos portugueses, é garantir o trabalho ao desemprego

As ratônicas na freguesia

Na noite de sabado para domingo ultimo, os ratoneiros entraram na capoeira da sr.ª Albina Dias da Conceição—a Albina Peneda—e roubaram-lhe duas galinhas, e se não lhe roubaram mais foi porque as não havia no poleiro.

Como estavam na vespera das festas da terra, tudo leva a crer que foi para melhorarem o rancho daquele dia.

Era bom que o pilha galinhas, que devem ser os mesmos pilha-laranjas, fossem apanhados com a boca na botija, como se costuma dizer, para que fossem conhecidos peia população da freguesia.

Para evitar a TUBERCULOSE, combatei as moscas. São elas muitas vezes as portadoras do germem da doença.

Impressões duma viagem

(LIGEIRAS NOTAS)

A natureza, nesta quadra do ano veste as mais policromas cores, ostenta com garridice vaidosa, o que de mais belo possui as flores. Vemo-las, admiramo-las, aspiramos-lhes a subtilidade do perfume exalante que causa a um dos nossos cinco sentidos o olfacto uma deliciosa sensação de prazer, prazer que nos toca a sensibilidade até ao ponto mais amago.

A vida e as flores, como, por vezes, fielmente representam o mais sacrossanto poema de amor! Que pena ter a flor uma vida tão efemeral!

Existe igual beleza num campo florido, como num bosque fechado; o que é preciso é saber gozá-la.

Qual a maneira mais pratica, de viver com a Natureza campesina... ir auscultá-la com minúcia? Viajando. Sem duvida. Mas, há viagens que se fazem com impaciencia, viagens que o imperioso Destino na nossa vida riscou, com provas de requintada crueldade. Mesmo assim viajando, quando as vistas panorâmicas que durante as mesmas se avistam são belas alheirões das amarguras que nos torturam e o nosso espirito torna-se jovialmente irrequieto e salta através dos campos em flor, eubriando-se de prazer ante a beleza dos sumários floridos.

A estação está deserta. O tempo, na sua patética marcha, avança. São seis horas e quarenta minutos da manhã. Nas agulhas da estação, aponta um comboio — monstro ferreo com o comprimento de algumas dezenas de metros — resfofando. Para. Enveredamos por entre a pasmaceira dos que chegam e a custo deixamos de nos revoltar contra a lamentavel falta de corteria francamente notivel para com o sexo fragil (?) que, apressadamente, quer embarcar.

Tomamos um lugar. Ao nosso lado um par de chineses, numa algaraviada esquisita e incomprensivel para nós, conversam.

A nossa frente uns olhos... lindos, de mulher. Mais alem, muitos companheiros de viagem. A simplicidade da manhã apparece-nos repleto de eucantos banaes.

Alguem berra: *partida!* Fere-nos o aparelho auditivo um silvo forte, agudo, e o orfar dos pulmões de ago de aquela maquina inorme inicia-se e... eis-nos deabalada em direcção Sul.

E' agradavelmente salutar, receber a fresca brisa da manhã que até nós chega.

O tan-tan, tan-tan que o comboio produz, quando desliza sobre a ligação dos rails, embalanos. Num canto da carruagem sentados, o pedaço da janela representa o ecran, a onde vai ser exibido, o film panoramico que da mesma nos é possivel desfruir.

Embebemos nosso olhar nos encantos da paisagem. Campos, muitos campos. Alguns coagulados de «homens de palha» que sintricamente dispostos nos dão a impressão de um «exercício sob o comando de um maior, que hi distancia, em attitude bisarra, parece fazer ouvir a voz comanditaria. Outros semeados, deixando advinhar a qualidade do cereal, que devem produzir. A passarada, sauda o começo deste novo dia com a sua inconfundivelmente alegre, chilreada.

Há breves paragens em estações, que nos despertam destes especies de sonhos fantasia que vamos vivendo. Há estações lindas, com jardins ainda mais lindos.

Agora, passamos a deixar para a nossa rectaguada grandes extensões de terreno que são divididos em talhões por largos e profundos rēgos e onde a abundancia da água permito barquear. Esses, são, os fertilissimos arrois que Aveiro possui. Parecem-nos, esses arroisais, ilhas em miniatura. Dão-nos até a impressão breve, ligeira, do que será Venesa, patente ao nosso olhar.

Aparece-nos agora, a montanha, um conjunto de prédios reconstruidos. Queremos advinhar o que são mas não conseguimos.

Imprevistamente, faz-nos a sua revelação uma coroa tallhada na verdura terrea com, as iniciais V. S. Esse conjunto de prédios brancos que, sabemos agora serem um hospital recentemente inaugurado, prende a nossa atenção; o nosso pensamento religiosamente vai deslizando pelos seus interiores, imaginando a grande quantidade de lagrimas que já terão sido enxugadas dos olhos de infelizes que daquele estabelecimento hospitalar carecem e quantas vidas — mercê das brilhantes notabilidades que nelle devem prestar os seus humanitários socorros — não terão roubado á foice da morte. Como heve ser grande a bondade do coração e da alma do homem que tão bem soube dar provas do quanto o penalisa o sofrimento humano!

Bem haja!...

Desejamos retardar mais um pouco a velocidade do nosso pensamento para fiel e textualmente reproduzirmos, em palavras, o que nossos olhos vão admirando; porem, é impossivel. É tudo velocidade: o comboio, num augeio bem compreensivel de chegar ao ponto final, vai devorando quilómetros sobre quilómetros...

Não sabemos quasi, o que se vai passando em nosso intimo.

Algumas horas de viagem tornaram dormente a nossa sensibilidade e, agora, anhelamos pela chegada.

Chegamos a possuir o desejo de raptão o que de belo nos vai passando semi-despercebido, para em melhor disposição o poderemos admirar. As viagens largas encomodam; ao fim de algumas horas já nada se aprecia.

Aparece-nos agora, os primeiros vislumbres da terra indicada como ponto final da nossa viagem. Voltamo-nos a sentir animados e, caso curioso, parece-nos sentir sandades de deixar tudo que até ali nos fez companhia. Chegamos, enfim!

Regresso. É noite. Agora, tudo que o sob os raios solares nos deliciou o olhar, aparece-nos em formas indecisas. Casas, pinheirais e oliveiras que tinham um pouco de «elegancia» mostram-se com formas apocaliticas, simulando monstros que nos espreitam com indomaveis desejos de ataque.

A abobada celeste está «crivada» de pequeninos pontos luminosos. A noite, tambem possui beleza, é nimbada de delicioso encanto.

Leitor amigo: aqui tens as impressões singelas e despretençiosas duma viagem que, como acima dizemos, o Destino na nossa vida riscou com requintada crueldade.

As razões deixai que as guardemos para nós, porque não é desejo nosso, irmos taldar a cor de rosa do céu em que viveis.

Maio 1933 F. Espinhense.

Lêr a 4.ª pagina

DE TABOEIRA

—x—

NASCIMENTOS

Com um feliz parto, deu luz na semana p. p. uma rebus-ta criancinha do sexo feminino, a sr.ª Emilia Marques Baptista, esposa do sr. Antonio Joaquim Ferreira.

Tanto a mãe, como a recém-nascida, encontram-se bem, motivo esse, porque aqui felicitamos os seus pais.

Tambem teve a sua delivranse na semana p. p. a menina Rosa Rêma, que igualmente se encontra bem, assim como o seu filhinho.

Aqui desejamos um porvir de felicidades ao recém-nascido, e bem assim a todos os seus.

DOENTES

Continua como aqui já se disse muito doente a sr.ª Maria Nogueira, dedicada esposa do nosso conterrâneo e amigo sr. Manuel Marques Bastos.

Fazemos botos pelas suas rapidas melhoras.

Egualmente se encontra muito doente o sr. Manuel Simões da Silva.

Desejamos-lhes um completo restabelecimento.

Tambem se encontra retido no leito, com uma grave doença, o nosso querido amigo sr. Francisco Dias Baptista.

Desejamos-lhe um completo alivio.

CHEGADAS

Vindo da Golegã, onde é industrial de Panificação, encontra-se aqui o nosso estimado amigo sr. João Pereira Felix, bem assim como sua esposa e filho.

Os nossos cumprimentos.

Tambem se encontra aqui, vindo de Espinho, onde era empregado, o nosso conterrâneo sr. Antonio Joaquim Ferreira.

As nossa boas viudas.

O TEMPO

Há dias cafu sobre esta região, uns pinguinhos de agua, que para os nossos campos, representa sentenas de alqueires de milho.

Pêna é, que daqui algum tempo, não, tenha-mos identica molha.

UM TROXA

Chega até nós a noticia de que um certo barbeiro e alfaiate ali de Cacia, tem dado á casca pela nossa ultima correspondencia publicada neste jornal. Pois que até nos dizem, que o mesmo nos quer fazer ir a Tribunal, só por dizer-mos:

Dizem-nos que este nascimento prevem de certa confiança que a Eliza dava a um barbeiro e alfaiate ali em Cacia, que agora se faz ao largo.

Óra vejam os nossos leitores como este... menino, que não temos a honra de conhecer, nos quer fazer ir ao banco do reu, só pelo facto de dizer-mos uma simples verdade.

Pois ólhe sr. barbeiro, se v. tivesse cumprido com o seu dever de homem, ivitaria esses grandes dissavores e agrupamentos que por diverças, veses já se teem feito á sua porta.

E nós cá esperarémos o momento para no mesmo Tribunal lhe fazer-mos vêr o que V. é, e, o que fêz.

Sempre á por aí cada troxa...

C.

Este numero foi visado pela Censura

Secção Desportiva

Foot-Ball

Sporting C. de Brága-5 Galitos-1



Deslocou-se desta cidade a Braga, no passado domingo dia 4, o grupo de hora do Club dos Galitos a convite daquele grupo, que é campeão do Minho, onde realizaram um desafio amigavel, verificando-se o resultado favoravel aos Bracarenses, por 5 bolas a 1.

Beira-Mar-Ovareense

Para as finais do campeonato do distrito, encontraram-se no domingo, nesta cidade, no campo de S. Domingos, os grupos do Beira-Mar e A. Desportiva Ovareense.

O jogo decorreu movimentado e terminou a primeira parte sem marcação.

Pucos minutos depois de começar a segunda parte, é marcado uma penalidade ao «team» local, do que resulta um goal sem defeza possivel.

Agora o Beira-Mar entra a praticar violencias, fazendo um jogo em que não mostra tecnica. Em dado momento, Mau — pelo nome do futebolista já se vê a gravidade do seu genio — entra em cena de pugilato com o arbitro, transformando o rectangulo do futebol num «ring», pelo que o arbitro e os Ovarenses foram obrigados a abandonar o campo.

Isto é só o fim do Beira-Mar...

Basket-Ball

No penultimo domingo, encontraram-se para seguimento do campeonato de Aveiro, o «cinco» do Recreio D. de Agueda e do Club dos Galitos saindo vencedor o Agueda por 18-16.

No ultimo domingo, defrontaram-se no campo do párcue desta cidade, para as finais do campeonato, o Cinco Escolar do liceu José Estevam o e Recreio D. de Agueda, saindo victorioso o expandido cinco do liceu por 18-8.

No mesmo dia, teve lugar igualmente para as finais do campeonato, o encontro em segundas categorias, do 5 do liceu contra os Galitos, vencendo o liceu por 12-3.

Está anunciado para o proximo domingo, um sençacional encontro para o campeonato de Portugal, no párcue desta cidade, entre os valorosos «cinco» de Guifões e o Contimbrense.

Este encontro deve chamar ao párcue bastantes apreciadores deste desporto, em virtude de se tratar de dois dos melhores «cinco» do nosso país.

Cesar de Matos.

Adriano S. Tavares

No proximo dia 8, completa 23 primaveras o nosso estimado assinante e querido amigo sr. Adriano Sequeira Tavares.

Não nos esquecendo este dia, daqui lhe endireçamos as nossas mais sinceras felicitações, desejando que esta data lhe seja longa na companhia de seus pais.

Geração Nova

Ainda bem que, nos últimos tempos, das escolas portuguezas tem saído uma úcida mocidade, arvorando, com entusiasmo e fé, a independência altiva da sua intelligência. Ainda bem que tal succede e uma nova geração começa a marcar brilhantemente o seu lugar nas elevadas pugnas do pensamento e na generosa e desinteressada luta das idéias.

Em confronto com o sossegado conformismo de uma geração anterior, apagada, humilde e comedida, apparece, agora felismente, a irreverência intelectual e moral de uma geração nova, insubmissa e forte, que tem idéias próprias e as sabe defender, que tem audácias, que tem panache.

Acusam-na talvez, de que vai muito longe, na sua árcia de renovação politica e social, abrindo, temerariamente, as portas de um futuro ainda ignoto, cheio de incertezas e perigo; de que é exagerada e tumultuaria em seus propósitos; de que é romanticamente idealista e revolucionária; de que toma, como realidades palpáveis e certezas matricais, as ilu óriss e inconsistentes miragens de um sonho impraticável...

Não se atemoristem as passas excessivamente prudentes, de hábitos parados e somnas, para quem no cérebro acomodado e triste, o frémio de agitar de uma idéa que surge, é como a pedrada que cai na superficie tranqüilla de um lago solitário. Antes, mil vezes assim, uma ardente mocidade a olhar resolutamente, para a frente, do que uma outra mocidade, a olhar, lamentavelmente, para trás, sem personalidade e sem vigor, como perdida, estranha e inadaptável, no meio da renovadora agitação da hora que passa e faz sobressaltar o coração da humanidade.

É provavel e é até naturalissimo que sejam exagerados os pontos de vista, sobre matéria politica e social de uma geração moça, sacudida e viva, que proclama nobremente o seu direito de pensar e de sentir de maneira diferente de como sentiam e pensavam as gerações que a atcederam. Mas estes exagros são apenas sintomas de vigo mental e moral que uma experiência mais profunda da vida, em geral, atenua e corrige. E são, assim, promessa e garantia de uma eficiente e útil actuação futura, por parte da mocidade que os põe na exteriorização dos seus sentimentos e na discussão e no debate das suas idéias.

Evaristo de Carvalho.

Transcrevemos com a devida vénia do nosso presado colega «Diario Liberal» de Lisboa, o artigo presente.

A protecção aos animais faz parte da moral e da cultura dos povos.

Victor Hugo.

De Angeja

A Banda Angejense, segundo nos informam, acaba de adquirir um fardamento, a exemplo de todas as suas congéneres, cujo este será estriado no proximo dia 23.

Honra pois, a quem tanto trabalha em prol da mesma.

Falecimento — Faleceu aqui no dia 1 do corrente mês, uma filhinha da sr.^a G. Cecília Luverna Os nossos pesames.

Reparação de estrada — Continuam com uma certa actividade os serviços de alcatruamento na estrada n.º 8, que liga esta laboriosa freguesia, com Cacia. Até que enfim, que já temos estradas convenientemente reparadas.

As Ruas — Com as ultimas chuvas que caíram nesta região, algumas das ruas, desta freguesia ficaram intransitaveis, tal é o estado em que as mesmas se encontram ainda do inverno passo, sem que a junta ou algum mande colocar em algumas delas uns carros de entulho, o bastante para sairmos d'aquelles atuleiros.

Continuamos apelando para o bom senso de quem compete dar as devidas providencias.

Idem, 7

Atropelamento — No dia 1 do corrente mês, foi atropelada por um ciclista de Estarreja, uma filha da sr.^a Maria Clara, que ficou com a cabeça partida.

É o que acontece a quem traz as crianças pelas ruas vagueando.

Retirada — Com destino a Lisboa, retirou-se no dia 4 do corrente a sr.^a Vitoria Cruz, a (Dinada).

Uma feliz viagem.

Chegadas — Chegou na semana p. a esta encantadora terra vindo de Lourenço Marques o sr. Eduardo Cruz.

Aqui lhe damos as nossas boas vindas.

Tambem chegou a esta vila, vindo da França, o nosso bom amigo sr. José Nogueira, filho do sr. Manuel Nogueira.

As nossas boas vindas.

Electricidade — Pela primeira vez, apelamos hoje para o bom senso de todos os Angejenses, para que se inicie uma Comissão com a força precisa que possa conseguir a almejada luz para esta freguesia. Melhoramento este, que muito viria desenvolver o já elevado comercio de Angeja.

A lerta Angejense, reunime-nos para que a Luz Electrica chegue até nós, assim como já chegou a todas as terras nossas circumvisinhas.

A. de Almeida.

Uma Carta DE SANTAREM

— x —

Com o pedido de publicação, recebemos a carta que se segue, a cuja damos publicidade na integra.

Senhor Director do «Ecos de Cacia»

Tenho seguido, com interesse, a polémica — se é que se pode chamar polémica a tanto disparate junto — que «Um Taboeirense» mais «Outro Taboeirense» e ainda um senhor Manuel d'Azurva tem sustentado no «Jornal de Cacia».

Custuma dizer-se que pelo dedo se conhece o gigante. E o dedo deste gigante é tam pequenino como a sua alma pequenina.

Conheço o industrial Antonio Marque da Graça, por tradição. Conheço-o, sobretudo, pelo amor que sempre mostrou á sua terra — amor traduzido em provas materiais, e concretas, numa transformação profunda, total.

O Jornal de Estarreja ainda recentemente lembrava os seus beneficos.

De que se acusa Marques da Graça? Da pouca firmeza das suas convicções republicanas. E — para o demonstrar — cita-se uma catilinária publicada em «O Democrata» de 5 de Abril de 1910.

Esse artigo, o artigo citado a que se refere aquele jornal, está escrito no tom violento de quem ataca por despeito. Não tem ideias e o que é pior, peor não concretisa factos.

E a contrapor ás veementes palavras d'essa diatibe — está a vida exemplar de Marques da Graça, e seu acenderado republicano, que não precisa de rótulos para ser mais firme e sincero.

Manuel d'Azurva, não podendo acusar, não tendo coragem moral de o fazer, insulta, amontuando porcaria. Nem sequer repara que, mexendo na lama, suja, as mãos.

Que lhe importa isso? Manuel d'Azurva que tambem podia chamar-se, com mais verdade, Manuel das Aguas Turbas, não se preocupa com tam pouco. Deve ser um velho amigo do «Velho republicano historico e propagandita local João da Cruz Carvalho... Tam velho amigo que nos processos até se confunde com ele...

Não quero roubar-lhe mais tempo, senhor Director. O que li de positivo — afirmo eu porque sei — é que Antonio Marques da Graça sempre foi republicano; sempre se interessou pela sua terra, e que sempre seguiu em linha recta, a direito, deixando aos Azurvas os caminhos e as encurzilhadas libes.

Cria-me sincero admirador.

Mais outro Taboeirense.

Em Almieira, completou 32 risonhaz primaveras, no dia 18 do corrente mês, a simpatica e muito prendada menina Joana Marques da Silva, filha perdileta do meu intimo amigo e estimado conterrâneo sr. Ernesto Fernandes da Silva.

Como este dia não me paçasse despercevido, apesar de estar muito longe, venho por este meio, felicitar não só a aniversariante, como a seus estremosos pais, fazendo votos, para que esta data lhes seja longa.

SANTAREM 25-6-933.

António Maria d'Oliveira.

De Setubal

ANIVERSARIOS

No dia 27 de Maio p. p. fez anos o nosso dedicado e bom amigo sr. Ernesto Fernandes da Silva, empregado de Panificação nesta cidade.

— Em 28 de Maio p. tambem fez anos o nosso estimado amigo sr. Eduardo Gonçalves Faria, mui digno industrial de Panificação nesta cidade. Assim como no dia 4 do corrente, fez anos o seu mano e socio, o nosso tambem respeitavel amigo sr. Silvestre Gonçalves Faria.

— Igualmente fez anos no dia 7 do corrente mês, a simpatica filhinha do nosso conterrâneo e estimado industrial nesta cidade sr. Antonio da Silva Castro, e de sua dedicada esposa sr.^a Luiza Nunes de Matos Castro.

A todos os aniversariantes, por entremedio do «Eco de Cacia», aqui lhes enviamos as nossas mais sinceras felicitações, desejando que estes dias lhes sejam prosperos, na companhia de suas dedicadas familias.

J. F. S.

CAPITÃO CELESTINO B. DA SILVA

— x —

Por lhe ter sido distribuido o serviço de revisão de cartas topograficas do Estado Maior do Exercito, na região de Mafra e Ericeira, encontra-se temporariamente naquela vila o nosso estimado amigo e colaborador mui digno capitão de infantaria 14 em Vizeu sr. Celestino Baptista da Silva.

Para este nosso intimo amigo e conterrâneo, vão as nossas mais sinceras felicitações, e que regresse em breve.

José Ferreira d'Almeida (Terceiro)

Este nosso presado amigo, de Albergaria-a-Velha, um dos mais activos e consagrados illuminadores e ornamentistas do país, tem sobjamente demonstrado pelos seus trabalhos de há mais de 35 anos, por cujos tem sido sempre e já por vezes, quando a despique com outros, classificado em primeiro lugar, acaba de nos participar uma nova transformação, para o ano corrente, não só nas illuminações como ainda nas decorações das ruas, citando-nos, especialmente umas pilstras decorativas e artisticas, que causarão surpresa a toda a gente.

O sr. Terceiro, como vilgarmente é conhecido, estará em Vilarinho durante as festas que ali se realizam a Santo Antonio, nos dias 17 e 18 do corrente, e onde podem ser admirados mais uma vez os seus trabalhos.

De Vilarinho

CHEGADA

Vindo de Lisboa, encontra-se em Vilarinho o nosso estimado amigo sr. Manuel Rodrigues Barbosa, mui digno empregado na panificação naquela capital.

DOENTE

Encontra-se bastante enferma a sr.^a Ana Pedra. Desdijamos-lhes prontas e rapidas melhoras.

MÊS DE MARIA

Terá lugar no domingo dia 11 d'este mês o encerramento do mês de Maria na capela da Ex.^{ma} Sr.^a D. Maria Candida Gouveiro da Costa. Nesse mesmo dia pelas 4 horas, avé a sermão por um orador sacro, e em seguida terá canticos ao órgão.

Fechando assim com chave de ouro, o encerramento do mês de Maria.

Observador.

PADARIA

Trespasa-se Padaria e Mercaria em bom local e próximo duma praia.

Nesta redacção se diz.

Conselheiro José Vaz

— x —

Passou no dia 28 de Maio ultimo, o 84.º aniversario natalicio do nosso respeitavel e obsequioso amigo Ex.^{mo} Sr. Conselheiro José Vaz Correia Seabra de Lacerda.

Ao seu sair de S. Pedro do Sul afluíram, nesse dia, inumeras pessoas da nossa melhor sociedade, a apresentar cumprimentos ao venerando titular.

Cumprimentando-o, tambem, efusivamente, fazemos sinceros votos por que indefinidamente possamos assinalar a passagem de esta data, para honra da Patria — que outrora serviu inteligentemente, como Par-do-Reino e hoje serve com a sua influencia politica — e para gloria da ridente Região de Lafões, que lhe serviu de berço.

M. V.

De Azurva

O TEMPO

Ultimamente o tempo tem corrido favoravel á agricultura, restando-nos pois, uma batêga de agua, que nos trouxesse algumas dezêmas de alqueires de milho, que já comessam a sentir a sede.

AS RÁTAS EM AÇÃO

Em casa do sr. Manuel dos Santos Reis, há dias dormindo uma criancinha de tenra idade, de que sua esposa a sr.^a Maria de Jesus dera á luz esta foi subsaltada pelos gritos da inocente cuja apresentava o nariz meio-róido pelas ráticas, que ao cheiro do leite, tratavam de devorar o inocente, que desde logo seguiu para tratamento em Aveiro.

Esta serve para a precaucao de tantas mais descuidadas, que a cada paço abandonam os filhinhos encasa sem qualquer vigia.

C.

Pavões

Vende-se um casal.

Nesta redacção se diz.

(N.º 15) Folhetim do «Ecos de Cacia»

“O Rubi Oriental”

Peça Policial em 3 actos

Original de PAIS CONDESSA

Conde amorsinho! Vá lá um beijinho (levantando se rápido) — Ah! mas sou eu o culpado? Vou-me já suicidar! (vã para sair)

Conde Os mesmos, menos Gaby (corre ao Conde) — Não, meu amor! Não quero que te suicides, mas o que eu tenho, é ciumes dos olhinhos bregeiros que estavas a deitar á criada, e a mim só ollhavas dessa maneira na noite das nossas núpcias!

Conde (rápido larga logo a Condesa) Socega o teu espirito, meu

amorsinho! Vá lá um beijinho ao teu Gilbertinho! (beijam-se muito agarrados)

Conde Os mesmos, menos Gaby

Conde (à porta da D. A., vestida toda a preto com avental branco e touca branca na cabeça, tipo de criada chic, vem para entrar mas fica á porta) — Dá-me licença, senhor Conde?

Conde (rápido larga logo a Condesa, que volta a cara, como

que envergonhado, recebe o cartão de visita que Gaby traz num bandeja, pondo o monóculo para lêr) — Barão Riviero! Manda entrar já para aqui! (Gaby, cai para E. A.)

Conde Os mesmos, menos Gaby

Conde (para Conde) — Que vergonha, Gilbertinho, a criada ver a gente aos beijos!

Conde Talvez éla tapasse os olhos para não ver!

Conde Vou para o meu quarto e já de lá não saio hoje!

Conde És tolinha, vá mais um beijinho!

Conde Aqui não! Pode vir alguém!

Conde Não vem! Só um! (beijam-se suavemente e Condessa sai D. E. dizendo sempre adeus e atirando beijos ao Conde)

Conde Gaby, Barão e Julieta

Conde (entra F. C. á frente dando passagem a Barão e Julieta, êle de s brecasaca e Julieta elegantemente vestida. Gaby faz vénia á sua passagem)

Conde (indo ao encontro do Barão e Julieta) — Já estavam tardando

Conde (cumprimenta Conde, Gaby, sai E. A.) — Mas está perdoada a nossa demora, não é verdade?

Conde (traz um embrulho que coloca em cima do bufete)

Conde (cumprimenta Julieta) — Madmoisele Julieta, bôasinha, como parece, não é verdade?

Conde Julieta Felismente bem! A senhora Condessa e Arlete?

Conde Minha esposa, nos seus aposentos e Arlete, talvez esteja no jardim! Vã até á janela do F. D. como que falando para fóra) — Sabes quem cá está?

Conde O senhor Barão e sua filha!

Conde Julieta Arlete está ahí?

Conde Está aqui!

Conde Julieta (indo á janela e falando para fóra) — Viva, que linda que es-

CONTINUA NA 4.ª PAG.ª

Grandiosa e Imponente Festa

EM HONRA DE

S.^{to} António

NOS DIAS 17, 18 E 19 DE JUNHO DE 1933

EM VILARINHO

PROGRAMA

Dia 13 — Ao romper da auróra, serão os festejos anunciados por uma serrada salva de morteiros, que desde logo despertará em todos os Vilarinhenses um certo entusiasmo; avisando-os de que se devem preparar para festejar o Padroeiro do seu lugar—Santo António:

Dia 17 — Às primeiras horas da manhã, serão novamente anunciados por algumas descargas de morteiros, cujos levarão a todos os lares a boa nova de que todo o lugar de Vilarinho se encontra em festa.

Às 16 horas da tarde, já quando todas as ruas deste lugar se encontram lindamente ornamentadas a capricho com surpresas que o habil iluminador de Albergaria-a-Velha, sr. José Ferreira de Almeida o (Terceiro) pela primeira vez aqui quer apresentar, deverá dar entrada na Povoia e Paço a Banda Musical de Fermentelos, onde será aguardado pela comissão dos festejos, que percorrendo em seguida todas as ruas destes dois lugares como de costume, seguindo daqui para o local das festas, onde dará entrada a meio da tarde, percorrendo igualmente todas as ruas deste.

Às 18 horas deverá dar entrada no recinto dos festejos, acreditada Banda de Mamarrosa, que pela primeira vez aqui se apresenta; a qual com uma marcha deslumbrante, dará as boas festas a todo o lugar de Vilarinho.

Às 22 horas, subirão estas duas acreditadas bandas de Musica para os seus respectivos corêtos, que em frente da Capela estarão lindamente ornamentados, onde as mesmas executarão do seu vasto repertorio as melhores das suas peças até às 4 do dia seguinte.

O fogo que está confiado a dois dos melhores pirotecnicos do Distrito, em desafio, sr. Manuel Ribeiro & Filhos, de Oia, que pela primeira vez aqui se apresenta com a sua especialidade em fogo, e o já conhecido e acredita-

do sr. José Soares Calçada, da Vila da Feira; queimar-se-á em grande quantidade nos intervalos, não só em morteiros como um variadissimo e elevado numero de vistas, as quais darão ao recinto dos festejos, uma certa e determinada elegância.

Dia 18 — A missa primeira na capela de Santo António, a qual se encontrará lindamente ornamentada pela acreditada casa Carvalho de Aveiro, será abrihantada pela Banda de Mamarrosa.

Às 11 horas, deverá começar a missa solemne, da qual faz parte a Banda de Fermentelos, subindo ao pulpito o Reverendo orador sacro sr. João Valente, de Salreu.

No fim da qual, organizar-se-á uma imponentissima e vistosa procissão, da qual fazem parte alem das duas musicas, muitas desenas de lindos anjos, que percorrerá não só as ruas do costume, como ainda outras mais.

À tarde, o arraial como é da praxe, será abrihantado pelas mesmas bandas de musica até ás 22 horas, onde toda a mocidade terá uma bela ocasião de *esticar* o seu *pesinho*.

Nos intervalos, será queimada igualmente grande quantidade de fogo de ambos os pirotecnicos, onde pela primeira vez será lançado o fogo de "Bonécos", o qual decerto causará uma verdadeira surpresa em todos os assistentes.

Dia 19 — Continuaram as festas neste dia a serem abrihantadas pela musica de Mamarrosa, que acompanhada com toda a comissão, percorrerá alem de todas as ruas em reconhecimento a todos os Vilarinhenses, pelas suas atenções, as casas dos festeiros.

E assim fecham com chave de ouro as festas a Santo António de Vilarinho em 1933.

A COMISSÃO.

Os teus olhos

*Não há nada neste mundo,
Que encerre mais belesa;
Do que o teu olhar profundo,
Cheio de encanto e grandesa.*

*São rasgados e exprecivos,
Os teus olhos carvoeiros;
Tão engraçados são vivos,
Tão risonhos e fagueiros.*

*Estes olhos que eu venero,
E que iguais ninguém mais tem;
São olhos que muito quero,
Os olhos de minha mãe.*

LOUSÁ 31-5-1933

Salvador Nunes de Pinho.

A Maldade das Mulheres

*Em todo o mundo a mulher
Desde nova a mais edade,
Digam lá o que disser
Só-i-feita de maldade!*

*Já começa-no batismo
A mãe a premeditar
Ni vantagem que ha-de, ter
No nome que, the-vai-dar.*

*Traz consigo-toda-a-manhã
Que o homem, tem que sofrer,
Aumentada com conselhos
Que a-mãe tem p'ra the-dizer.*

*Não lhe quer chamar: Maria,
Nem Joaquina ou Felizarda,
Sibastian ou Adelaide,
Muito menos Eduarda.*

IDANHA 29 5 1933.

Manuel Lopes Novo.

RIFA

Abrihantada pelo grupo de Esgueira, terá lugar em Mataduchos muito em breve na taberna da sr.^a Algundes, o sorteio de uns sapatos de senhora, rifa esta para que muito se sacrifica o sr. José Correia Ribeiro; a qual deverá deixar as mais gratas recordações entre todos os assistentes não só de Mataduchos e Almieira, como igualmente a toda a mocidade de Esgueira, onde pertence este interessado.

No fim de tão simpatica festa, haverá um baile pelo mesmo grupo, ao qual devem assistir toda a mocidade destas trez povoações.

A venda das senhase encontram-se desde já n'aqule estabelecimento, o que desde já muito agradarem.

tá hoje! Olha, espera ali um pouco, que já vou ter contigo! (vê a janela)—Papá; eu vou lá baixo ao jardim, das licenças?

Barão
Vai sim, minha filha!
Julietta

O senhor Conde, autorisa-me, que eu vá fazer um pouco de companhia a sua filha?

Conde
Vossa excelência não pede, mandal (Julietta sai D. A.)
Scena XI

Os mesmos, menos Julietta
Barão
(descendo ao Conde)—Pois meu caro Conde, fólgo bastante por encontrar todos bons

Conde
Encontro-me deveras reconhecido, e creia Barão, que na

festa que hoje se vá realizar em honra de minha, filha, a vossa ausencia seria um facto para lamentar se os nossos convites não fôssem aceites!

Barão
Por forma alguma poderíamos deixar de aceder ao vosso desejo.

Conde
Se fôssemos um pouco até á sala do jogo?

Barão
Até nos serve de entretenimento enquanto os vossos convidados se não reúnem todos. (Conde vai á frente e dá passagem a Barão para E. B.)
Scena XII

Gaby (só)
(entra da A. D. olha para todos os lados da scena, como receando que esteja alguém)

—Ninguém! (desce a meio)—
Que papel tão ridiculo que estou desempenhando nesta casa. Se veem a reconhecer o meu disfarce estou perdido! Tenho momentos que a minha vontade era fugir, mas agora o que fazer? Disfarçar o mais possivel até ao fim. Sinto passos, deixa-me ir até lá dentro não venha a ser notada a minha ausencia! (sai E. A.)
Scena XIII

Arlete, Julietta e Condessa
Condessa
(entra da D. A. acompanhada de Julietta e Arlete)—Pode crer, que o vosso nome é muito falado cá em minha filha, e pôde-se considerar muito feliz, por ser uma das grandes amigas que ela conta ter.

Julietta

Muito agradecida, senhora Condessa! (para Arlete)—Não sei mesmo como te possa agradecer, favores que me não considero merecedora!

Arlete
Isso é lisonja, Julietta!
Condessa

Agora se me dão licença, vou até lá dentro vêr o que estão fazendo o senhor meu marido e o seu papá! (sai B. E.)
Scena XIV

As mesmas, menos Condessa
Julietta

Então o que me contas, a respeito do teu futuro noivo?

Arlete
O mesmo que tú sabes, e cre que hoje em dia cada vez a gente se pode fiar menos nos homens!

Julietta
Estás hoje tão desanimada, quando pelo contrario, deves-te mostrar e bastante alegre!

Arlete
Tu conheces bem o meu feitiço, e sabes o quanto eu sou capaz de sofrer no meio do silêncio, agora quando vá a mais...

Julietta
Já sei o motivo porque te encontras assim! E deixa que te diga, tens muita razão, no dia d'hoje, eram horas para ele cá estar!

Arlete
Adivinhaste o meu pensamento! Não vêes que primeiro estão os amigos de infancia, e depois...

CONTINUA.